

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

ALICE BUENO DE MELO

TEORIA DO MEDALHÃO DE MACHADO DE ASSIS

Brasília

2013

Teoria do Medalhão de Machado de Assis

Alice Bueno de Melo*

RESUMO

Análise do conto *Teoria do Medalhão*, escrito em 1881 por Machado de Assis, a partir de estudos de Alfredo Bosi, Roberto Schwarz, Raymundo Faoro e Sérgio Buarque de Holanda. As formas de ascensão social estão intimamente ligadas a estruturas arcaicas e patriarcais do exercício do poder.

Palavras-chave: Teoria do Medalhão – Poder – Ascensão social – Crítica social.

SUMÁRIO: 1 Introdução – 2 Desenvolvimento – 3 Conclusão – 4 Referências Bibliográficas.

Theory of the Medallion by Machado de Assis

ABSTRACT

Analysis of the short story *Theory of the Medallion*, written in 1881 by Machado de Assis, from studies of Alfredo Bosi, Roberto Schwarz, Raymundo Faoro and Sérgio Buarque de Holanda. Forms of social mobility are closely linked to archaic and patriarchal structures of the exercise of power.

Keywords: Theory of the Medallion – Power – Social ascension – Social criticism.

CONTENTS: 1 Introduction – 2 Development – 3 Conclusion – 4 References.

Teoría del Medallion de Machado de Assis

RESUMEN

Análisis del cuento *Teoría del Medallion*, escrito en 1881 por Machado de Assis, a partir de estudios de Alfredo Bosi, Roberto Schwarz, Raymundo Faoro y Sérgio

* Delegada de Polícia Federal, bacharel em Direito pela Universidade Federal de Minas Gerais, licencianda em Letras Português pela Universidade de Brasília. E-mail: licemelo@gmail.com.

Buarque de Holanda. Las formas de movilidad social están estrechamente vinculadas a las estructuras arcaicas y patriarcales del ejercicio del poder.

Palavras chave: Teoría de Medallion – Poder – Ascensión social – Crítica social.

CONTENIDO: 1 Introducción – 2 Desarrollo – 3 Conclusión – 4 Referencias.

1 INTRODUÇÃO

Machado de Assis propõe em suas obras uma reflexão sobre o homem e a sociedade brasileira do século XIX, por ele analisados com fina ironia, com olhar pessimista e cético, descrente a natureza humana. Esse olhar perpassa as relações sociais e suas convenções, revelando a hipocrisia, a fugacidade e a superficialidade que as caracterizam, bem como as intenções mesquinhas e egoístas que movem o homem brasileiro da segunda metade desse século.

Segundo Antonio Candido: "[Machado de Assis] recobria seus livros com a cutícula do respeito humano e das boas maneiras para poder, debaixo dela, desmascarar, investigar, experimentar, descobrir o mundo da alma, rir da sociedade, expor algumas das componentes mais esquisitas da personalidade" (CANDIDO, 1977).

Esse olhar fornece elementos para a compreensão de aspectos essenciais à cultura brasileira do século XIX, quando a sociedade vivia sob um regime monárquico decadente, em que a busca por títulos de nobreza e a ausência de uma ocupação real (trabalho produtivo) expressa a superficialidade do ser humano, a busca do adorno e da forma.

Na expressão de Sérgio Buarque de Holanda:

O trabalho mental, que não suja as mãos e não fatiga o corpo, pode constituir, com efeito, ocupação em todos os sentidos digna de antigos senhores de escravos e dos seus herdeiros. Não significa forçosamente, neste caso, amor ao pensamento especulativo (...), mas amor à frase sonora, ao verbo espontâneo e abundante, à erudição ostentosa, à expressão rara (...) inteligência há de ser ornamento e prenda, não instrumento de conhecimento e ação.

Assim, o autor, tendo identificado o caráter ornamental da elite brasileira e a prevalência da retórica vazia nas relações sociais e políticas do Brasil pré e pós-

República, expõe seus valores, sua estrutura, seu funcionamento, de maneira irônica e bastante explícita, em um conto que é um receituário de como se tornar célebre, de como escapar da obscuridade comum, de como pôr em uso uma ética da ocasião, tendo sido publicado inicialmente em 18/12/1881, na *Gazeta de Notícias*, e posteriormente reunido em *Papéis Avulsos*, de 1882.

Medalhão é termo conhecido, usado para designar uma figura que parece ter lugar reservado em certos círculos, relacionado a visibilidade física e reconhecimento social como ornamento indispensável e a fuga da obscuridade comum.

2 DESENVOLVIMENTO

Em sentido inverso ao processo de formação dos jovens na Antiguidade Clássica, quando o pupilo recebia conselhos de seu preceptor, o diálogo do conto de Machado é simples construção de um jovem para o brilho social, sem que haja a menor preocupação com sua formação ética ou cultural, pois o único objetivo que deve buscar é a realização social e econômica, não conquistada, mas atribuída, tendo que abdicar de qualquer tipo de ideologia, reflexão, liberdade de escolha ou inteligência.

Em suma, após o jantar de comemoração do aniversário de 21 anos de Janjão, em 05/08/1975, seu pai, conhecendo a realidade, a portas fechadas, aconselha o filho sobre como em seu futuro ser “grande e ilustre, ou pelo menos notável, que te levantes acima da obscuridade comum” (ASSIS, 2004) e lhe propõe um posto social reconhecido e valorizado, mediante teoria pragmática que ressalta a importância do prestígio numa sociedade que valoriza a aparência e a necessidade de se adequar aos padrões vigentes à época. Nenhum ofício parece ao pai mais útil e cabido que o de medalhão, inalcançado pelo pai, que não dispunha de quem lhe desse conselhos como os que ele oferece ao filho. É em Janjão que ele busca a sua realização.

Ora, a profissão de medalhão é a antítese de qualquer ofício, vez que não exige qualquer habilidade técnica ou conhecimento específico, mas tão somente o domínio de condutas sociais típicas, a ausência de opinião, reflexão ou originalidade. Mediante a exposição de sucessivos paradigmas, Machado oscila

entre a insinuação do risível e o fundamento de base realista, para não dizer dramático, da situação enfocada. Na definição de Raymundo Faoro, o autor acentua e destaca o fenômeno singular em prejuízo da organização social, da estrutura política e das coordenadas supraindividuais (FAORO, 1988). Ou seja, a teoria prega uma espécie de submissão do indivíduo aos padrões estabelecidos e superficiais da sociedade, um quase desaparecimento do sujeito singular.

A teoria apresentada, na fórmula resumida por Alcides Villaça (VILLAÇA, 2008), compreende regime de aprumo e descompasso; debilitante; base retórica; publicidade; reflexo da imagem na opinião pública; mobilidade conveniente e dissimulada das posições políticas sem marca; e preferência da chalaça à ironia.

Passando-se à análise de cada um dos sete passos, tem-se que o regime de aprumo refere-se ao equilíbrio, gravidade (apenas do corpo) e moderação, marcas do medalhão autêntico, figura que fez e faz história na cultura mais conservadora, aparatosa, que tanto brilhava nos salões de banquetes antigos, e que ainda brilha nas cerimônias, discursos políticos e polêmicas na mídia nos dias de hoje. Essa moderação serve ao combate não apenas dos excessos e arroubos da mocidade, mas de toda e qualquer ameaça ao *status quo*.

É fato incontroverso que Machado de Assis é um pensador social dotado de acentuada consciência histórica, cujo olhar irônico e pessimista revela traços importantes de nossa formação social, fundamentais para a compreensão da sociedade por ele retratada e de seus discursos ideologicamente vazios, como formas de legitimação da dominação. A elite brasileira do período em questão estava dividida entre as ideias progressistas da Europa e o conservadorismo com a ordem patriarcal.

Aqui cabe destacar o caráter de farsa ideológica e do materialismo pragmático que caracterizam as formações ideológicas da época (BOSI, 1988), bem como a importância das análises de Roberto Schwarz acerca da importação de esquemas que constitui caso de ideias fora do lugar, já que não poderiam contradizer as práticas sociais e culturais, fundamente enraizadas no tempo e no espaço, historicamente constituídas (SCHWARZ, 2000).

Na sequência da exposição da teoria, o regime debilitante pressupõe o abafamento das ideias próprias mediante livre curso das ideias proveitosas, assim denominadas as ideias dominantes, baseadas no saber tradicional e consolidado.

Pressupõe-se, portanto, abafamento de impulsos de crítica e de criação original, de qualquer curiosidade intelectual, em sede do difícil processo de “pensar o pensado” e que leva à “mais perfeita inópia mental” (ASSIS, 2004). Não é recomendável, portanto, ter ideias, mesmo que elas venham com a idade. Para evitá-las, o pai sugere como jogos recomendáveis o bilhar, o dominó, o *whist* e o vultarete, praticados individualmente, sem plateia, pois fazem descansar o cérebro. Ao contrário de atividades como natação, equitação e ginástica, os jogos recomendados apenas fazem o cérebro repousar, sem o perigo de lhe restituir as forças e atividades perdidas.

Mais uma vez Machado chama a atenção para o perigo do espírito crítico e das ideias novas: “o melhor será não as ter absolutamente”, principalmente em razão do Liberalismo, de corte europeu, surgido em função da luta burguesa na Inglaterra e na França. Ora, esse liberalismo ativo e desenvolvimento simplesmente não existiu, enquanto ideologia dominante no Brasil (BOSI, 1988) e, mais tarde, o liberalismo político se abriria, lentamente, para um projeto de cidadania ampliada e, para a elite brasileira do século XIX, a expressão não significava democracia, termos que depois se iriam dissociar, em linhas claras e, em certas correntes, hostis (FAORO, 1998).

As bases retóricas, outro item da teoria, remetem à ideia de que a ação e o pensamento conservadores têm uma linguagem adequada, que nada quer e nada pode propriamente revelar. Tal linguagem desliza na superfície dos efeitos retóricos e ratifica o gosto pelo discurso pomposo, repleto de palavras vazias de sentido e caracterizado pela gravidade das maneiras.

A noção, portanto, é de palavra como ornamento, com total falta de compromisso com o significado. A sonoridade e o aspecto empolado serviam como recurso e código de acesso a um patamar social elevado. Nesse sentido, o adjetivo tem mais valor do que o substantivo, conforme o conselho do pai: “... o adjetivo é a alma do idioma, a sua porção idealista e metafísica. O substantivo é a realidade nua e crua, é o naturalismo do vocabulário” (ASSIS, 2004). A ostentação da erudição está presente do início ao fim na conduta do medalhão, que deve ser visto em livrarias (mas não deve ler), usar a linguagem para brilhar (mas não para conduzir o raciocínio) e usar palavras que não devem conter ideias nucleares, mas atributos.

Aqui se destaca a hipocrisia e a dissimulação peculiar ao personagem do pai, utilizado por Machado como uma forma de expressar os traços característicos de nossa sociabilidade. A refinada percepção de Machado desmascara as relações entre as instituições sociais e os indivíduos na sociedade brasileira do Segundo Reinado. As instituições sociais representam as esferas da vida social que deveriam ser ocupadas pelo indivíduo e só podem ser adjetivadas, ou seja, preenchidas pelo Medalhão, pois é a pessoa e não o indivíduo que exerce esse papel na sociedade. Daí que tornar-se medalhão significa alcançar a notoriedade pública, a principal ambição dos homens em uma sociedade que privilegia a pessoa.

Nesse contexto, as palavras devem ser um fim em si, em sua estilística, em seu efeito imediato, sem se vincular a nenhuma ideia de fato. O discurso espetacular é desconexo, sem passado, sem consequências, isolado nele mesmo. Alfredo Bosi alerta que “(...) os conselhos, visam a mostrar que as expressões clássicas e as frases feitas compõem uma linguagem cômoda que substitui o pensamento pela forma verbal: tática para obter o consenso do próximo.” (BOSI, 1982, p. 137).

Além disso, o pai aconselha o filho a empregar sempre um vocabulário “simples, tíbio, apoucado” (ASSIS, 2004) e afirma que melhor mesmo “são as frases feitas, as locuções convencionais, as fórmulas consagradas pelos anos, incrustadas na memória individual e pública. Essas fórmulas têm a vantagem de não obrigar os outros a um esforço inútil.” Isto porque, obviamente, a sociedade não está interessada em novos questionamentos e reflexões.

Outro ponto a ser destacado é a referência a temas comuns dentro dos mitos gregos mencionados no conto. É possível uma reflexão sobre a ironia da lição dada pelo pai ao filho, pois nos mitos por ele citados, a sabedoria e a inteligência vencem. Por outro lado, os personagens mitológicos perdem a cabeça literal ou figuradamente: a Hidra, a Medusa, e os maridos das Danaides que tiveram as cabeças decepadas, enquanto Ícaro perdeu a razão e deixou de observar o conselho de seu pai, o que lhe causou a morte.

Ademais, o pai recomenda o uso de fechos de discursos eficazes, excelentes fechos de artigo político, tais como *caveant consules* (mensagem que o Senado enviava aos Cônsules em Roma quando havia perigo para a cidade) e *si vis pacem para bellum* (se quer paz, prepare-se para a guerra). Ambas as expressões têm o

sentido de recomendação de cautela, que para os segmentos dominantes é sempre bem-vinda e atualizam a forma da ideologia.

Essa linguagem, conclui-se, deve preservar em nível simbólico o *status quo* da política e dos costumes, sendo as fórmulas um consenso quanto à dominação presente e quanto à sempre desejada cautela em face de eventuais rebeldias.

Outro item da teoria é a noção de que não há positivamente público sem o concurso das práticas da publicidade, devendo o medalhão converter-se em imagem solidamente reconhecida e aceita, mediante recurso aos métodos disponíveis da propaganda. Segundo se extrai da teoria, além da construção lenta e gradual do prestígio, Janjão deve buscar a mais consistente visibilidade e permanência, a fim de usufruir as recompensas materiais da vida, especialmente o exercício e os benefícios do poder.

O candidato a medalhão deve agradecer às pessoas do círculo social e divulgar essas relações no meio social. Assim, na expressão do pai de Janjão, “longe de inventar um ‘Tratado científico da criação dos carneiros’, compra um carneiro e dá-o aos amigos sob a forma de um jantar, cuja notícia não pode ser indiferente aos seus concidadãos” (ASSIS, 2004). Ou seja, as pessoas não vão questionar se há de fato mérito em suas ações, bastando-lhes a aparência de mérito. O importante é que as pessoas saibam de sua existência e se lembrem do medalhão, motivo pelo qual ele deve se fazer lembrar. Visibilidade já era a grande artimanha, para longe de qualquer transparência sobre as reais intenções.

A hipocrisia e a dissimulação presentes na sociedade brasileira são reveladas por Machado quando este desnuda as intenções de seus personagens. A metáfora da medalha, utilizada para exemplificar o duplo sentido de uma ação, revela a ambiguidade do brasileiro, de suas instituições e relações sociais, expressa por intenções egoístas que se ocultam sobre a capa de filantropia, caridade, etc. É a pessoa que tenta se ocultar no indivíduo, de forma que a medalha pode ser compreendida também como metáfora singular das relações sociais referidas pelo conto. Suas duas faces, uma virada para o público e outra para o indivíduo, traduzem a ambiguidade o meio segundo o qual se desenrola a trama da vida social.

Mais uma vez vale repetir que Machado faz a vinculação do geral com o particular, expondo as hipocrisias e misérias presentes nas relações sociais dos homens brasileiros, em especial do Rio de Janeiro, do final do século XIX. Destaca a

complexa trama entre os negócios públicos e os privados, diretamente relacionados ao exercício do poder. O medalhão nutre-se de obviedades e publicidade barata sobre si para galgar cargos e postos na vida social e para atingir o estatuto de pessoa. Ele é, ainda, uma figura atualíssima, que ganha vida, por exemplo, nas contratações do Poder Público por critérios estranhos à competência. Esse tipo de prática ainda caracteriza as relações sociais do Brasil contemporâneo e está relacionada a uma sociedade que ainda cultua a forma, as obviedades e se desenrola em diversas hipocrisias e ambiguidades, dissimulando a sua essência.

Neste ponto, impõe-se relacionar a crítica de Machado à cultura do rótulo e do ornato com os estudos de Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil*. Este último chama atenção para a forma como a mentalidade rural da casa-grande – impregnada tanto do personalismo como do autoritarismo – foi decisiva na formatação da identidade cultural brasileira. O personalismo é associado às origens ibéricas, à cultura do favor, e não deixa de manter estreitas relações com a cordialidade brasileira. O autoritarismo, por sua vez, é acentuado e reforçado pelo patriarcalismo e deixou como legado a prática da invasão do público pelo privado e do Estado pela família (HOLANDA, 1963). Para Raymundo Faoro (FAORO, 1988) as instituições políticas brasileiras são corrompidas porque são tratadas pelos homens públicos como uma extensão de seus negócios particulares.

O conceito de Sérgio Buarque de Holanda de cordialidade está próximo da afetividade da família patriarcal e distante da civilidade do Estado moderno e se caracteriza pela espontaneidade da emoção íntima e não pelo convencionalismo da polidez cidadã, pressupõe antes relações pessoais e privadas, orientadas por simpatia e favor e não relações impessoais e públicas, orientadas por mérito e trabalho – introduções da modernidade ainda não consolidadas de todo no Brasil (HOLANDA, 1963).

Uma das principais características da sociedade brasileira do final do século XIX é justamente a existência de uma hierarquização, ainda que negada, oculta, mas sempre praticada. Essa hierarquia é baseada em critérios pessoais, justapostos aos econômicos tipicamente burgueses como o mérito. O Medalhão, pessoa notória, distinta e reconhecida pelos laços pessoais que lhe abrem as mais variadas portas no convívio social e no exercício do poder, é valorizado socialmente, em detrimento do indivíduo.

O ofício de medalhão, nesse sentido, nada mais é que o esforço de moldar-se às exigências de uma sociedade hierarquizada por critérios pessoais, visando integrar-se a ela e às suas instituições de modo privilegiado, como pessoa e não como indivíduo. Esse esforço exige hipocrisia e dissimulação, pois nele é preciso cultivar a forma e abster-se do conteúdo. Então, a figura do homem livre encontra seu lugar social na prática do favor e no exercício da cultura ornamental – tão valorizada na sociedade dominada pelo convencionalismo.

Aqui vale considerar a caracterização da intelectualidade brasileira por Sérgio Buarque de Holanda, segundo quem a indiferença do homem cordial à lei geral, quando esta contraria seus interesses particulares, demonstra, sobretudo, a sua incapacidade para aplicar-se a um objeto exterior a si mesmo. Nos intelectuais, este traço se revelaria por meio da aversão ao esforço do aprofundamento e, conseqüentemente, a satisfação com a aparente sabedoria, o prestígio da escrita retórica, o valor ornamental do discurso. Para o homem cordial, sempre interessado na satisfação pessoal, o trabalho do intelecto teria o seu fim no próprio intelectual e não na obra.

Nessa perspectiva, a Teoria do Medalhão traduz a lógica das aparências, regida pelo princípio de aparentar ser; parecer ser sábio, parecer conhecer a filosofia da história, mas sem realmente ser e conhecer o que quer que seja. Nesse sentido, o ofício de medalhão também não passa de um embuste. Daí que de nada serviriam ao medalhão a disciplina da conduta, o culto da retórica e o empenho na publicidade sem o decisivo reflexo dessa imagem na opinião pública. A propaganda de si mesmo teria o intuito cordial de manifestar sentimentos por meio da troca de favores e louvores entre os homens. A teoria do conto é no sentido de que o tipo concreto e o valor genérico devem confluir, de maneira que o medalhão deve emprestar seu corpo à ideologia, que lhe retribui a solidez tornando-o figura de peso.

O fato de um pai prover o filho de ensinamentos inescrupulosos para ser valorizado socialmente ao parecer ser o que não é, já assinalado por Machado de Assis, em 1881, como uma realidade social que posteriormente é base para as teses críticas de Debord, em *A Sociedade do Espetáculo*. Segundo este autor a ideia de que mais importante, valorizado, prestigiado pela sociedade é o parecer, não importando o que se é. A discussão que o autor propõe é a espetacularização dos fatos sociais, em uma sociedade que não existe mais para ser vivida, mas para ser

representada. Dito de outra forma, o viver é substituído pelo representar, a vida é espectadora de si mesma, o que implica um empobrecimento do humano, pois num meio em que a vida deixou de ser vivida para ser só representada, vive-se como atores a vida fingida que encarnam num palco ou numa tela. Este processo, repita-se, tem como consequência a futilização e a frivolidade que dominam a sociedade.

Na sociedade em que vive o medalhão, há uma evidente degradação do ser para o parecer, vez que o que importa é a visibilidade. O importante, nesse concurso de se tornar um medalhão, é ter um maior número de espectadores, que reconhecem sua figura e lhe configuram posição social invejada. Atingido o objetivo, o medalhão pode regozijar-se, pois “(...) acabou-se a necessidade de farejar ocasiões, comissões, irmandades; elas virão ter contigo, com o seu ar pesadão e cru de substantivos desadjetivados, e tu serás o adjetivo dessas orações opacas” (ASSIS, 2004). Nos dizeres de Villaça (VILLAÇA, 2008):

(...) acima do ornamento, o medalhão torna-se de fato a qualificação privilegiada de todos a quem representa, e seu poder, nesse sentido, alcança a legitimação e representatividade políticas. Não é outra coisa (não custa repetir) que o príncipe precisa garantir.”

Ascender socialmente sem grandes esforços ou viver num mundo espetacularizado sem a preocupação com seu conteúdo e significado são discussões propostas por Machado e Debord, sendo certo que a Teoria do Medalhão também permite uma reflexão bastante atual da sociedade. Machado, portanto, antecipou as preocupações daquele autor.

Na sequência das orientações do pai ao filho, a conduta quanto à política e partidos é permeada da tradição da política nacional: o medalhão deve ser capaz de ocupar uma tribuna e falar a respeito do nada de forma solene, em especial, sobre a metafísica. Isto porque a “política metafísica” é “mais fácil e mais atraente”, não obriga a providências, “nem a pensar e a descobrir”, pois “nesse ramo dos conhecimentos humanos tudo está formulado, encaixotado, rotulado; é só prover os alforjes da memória.” (ASSIS, 2004).

Tais observações estão diretamente ligadas à noção de que a carreira política é perseguida no intuito da satisfação de necessidades pessoais e não em nome do bem comum ou de algum ideal coletivo superior às paixões pessoais e interesses. O

conto remete à promiscuidade entre a vida pública e a particular; sendo as razões da primeira subordinadas às da segunda (egoístas e mesquinhas porque puramente pessoais).

Conforme lição de Raymundo Faoro (FAORO, 1988), esse mundo social descrito por Machado é particularizado pela coexistência de dois tipos de relações sociais: estamentos e classes. No seio do Brasil patriarcal e escravocrata formava-se o embrião da sociedade de classes burguesa, em que a burguesia nascente buscava afirmação social e notoriedade tentando mesclar-se ao estamento social e politicamente dominante no regime monárquico do final do século XIX. A busca de notoriedade dos que têm recursos econômicos, mas que não têm origem aristocrática (e, portanto, não são pessoa) e a própria perseguição dos melhores postos na carreira pública pelos homens da boa sociedade evidenciam as sutilezas desse momento de transição na sociedade.

Como dito, a carreira vitoriosa de um medalhão depende de um meio social cujos princípios mais conservadores são também os mais estratificados. No conto, Machado de Assis lança luz sobre a dubiedade que caracteriza as relações sociais desse período ao relatar manifestações cotidianas. Seus personagens revelam ora o novo ente social (o burguês emergente), que busca o reconhecimento nos cargos públicos (e na carreira política monopolizada pelo estamento), ridicularizando os ornamentos e a superficialidade, a necessidade de brilho, espetáculo, aplauso, enfim, do reconhecimento que tão bem expressa a figura do medalhão e sua sede de nomeada.

Quanto ao último passo na construção do medalhão, há a necessidade de dar preferência à chalaça em detrimento da ironia, conforme conselho do pai de Janjão:

— Somente não deves empregar a ironia, esse movimento ao canto da boca, cheio de mistérios, inventado por algum grego da decadência, contraído por Luciano, transmitido a Swift e Voltaire, feição própria dos cépticos e desabusados. Não. Usa antes a chalaça, a nossa boa chalaça amiga, gorducha, redonda, franca, sem biocos, nem véus, que se mete pela cara dos outros, estala como uma palmada, faz pular o sangue nas veias, e arrebetar de riso os suspensórios. Usa a chalaça.

Desta forma, tem-se que a chalaça é própria do medalhão, que não pensa muito, principalmente por ideias próprias, enquanto a ironia é caracterizada pela

incerteza, por ser implícita e imprevisível, sendo própria de filósofos e escritores – “céticos e desabusados” (ASSIS, 2004). É regra poupar problemas e eventuais discussões, dado que a fala irônica esconde seu real objetivo, de modo que o receptor nunca está seguro da intenção do autor da ironia. Some-se a isso o fato de que chalaça tem sua recepção caracterizada pelo riso imediato, a gargalhada, “que faz rebentar os suspensórios” (ASSIS, 2004) do interlocutor, pois o medalhão não desagrada ao público: procura o riso fácil, para agradá-lo.

Nas linhas finais do conto, reservando a suprema ironia para a conclusão da Teoria do Medalhão, o pai de Janjão afirma que: “Guardadas as proporções, a conversa desta noite vale *O Príncipe*, de Machiavelli. Vamos dormir”. (ASSIS, 2004).

Em sede de análise comparativa, verifica-se a existência de diversas afinidades entre as duas teorias, pois ambas foram um grande presente de seus autores para seus destinatários; estão relacionadas à filosofia da história; à psicologia humana; à neutralidade moral e à ausência de qualidades intrínsecas do príncipe, que é um ator que oscila entre ser e parecer ser; à humanidade da obra, que versa sobre assuntos iminentemente humanos; ao pragmatismo; à gravidade do assunto; à variedade da matéria; ao imobilismo; à conservação histórica; e à necessidade de construção de uma forte imagem pública e de visibilidade. Além disso, ambas as teorias remetem ao valor superior dos efeitos sobre as causas, ou da superioridade virtudes que têm face pública em face das que não têm.

Por fim, vale destacar que ambos os autores das teorias contrapostas professam o exercício de um poder que jamais exerceram, ou seja, o resultado da ciência não aproveita ao cientista, detentor da ciência da vida e mestre do pragmatismo. No entanto, se não ser um príncipe ou um medalhão supõe a experiência em princípio restritiva do não detentor do poder, também supõe alguma vantagem no aprendizado de quem sofreu a ação dos poderosos. Ora, a teoria não coincide com a prática porque o sujeito não a experimentou ativamente, mas porque foi um de seus pacientes. Machado investe no discurso atrelado às efetivas formas de dominação, que assim adquirem uma transparência reveladora: os séculos que separam os principados italianos da monarquia brasileira não alteraram em substância os instrumentos de poder.

3 CONCLUSÃO

O fato de nosso país manter-se dependente e periférico, bem como o fato de o padrão de desenvolvimento ainda ser aquele em que as relações de compadrio valem, mesmo que de forma disfarçada, é apenas um dos aspectos que confere atualidade à obra de Machado.

A forma como o autor apresenta a teoria revela uma das facetas mais emblemáticas da sociedade brasileira do final do século XIX, em termos de sua estrutura histórico-social. O escritor, atento analista social, expressa sua visão de mundo sobre o homem de seu tempo e de seu País, por intermédio de personagens que representam uma humanidade que não vale a pena, da qual Machado zomba com sua peculiar ironia.

No entanto, a lucidez do discurso paterno revela que o autor da teoria manteve sua consciência crítica, o interesse pela criação e pela originalidade, o emprego da ironia, o discernimento político e a crítica ideológica. Desta forma, a recomendação que faz é de conformismo, possivelmente porque sua lucidez não trouxe a felicidade que ele acreditava ser atingida pelos medíocres, que simplesmente interiorizam seu *status* e gozam os prazeres materiais.

Assim, a mensagem final é desoladora, pois desaconselha a crença nas virtudes humanas, já que a reversão das fraquezas em força e poder real é possível com o concurso da *virtù* maquiavélica, sendo justamente esse o cerne das práticas sociais e culturais, fundamente enraizadas no tempo e no espaço, historicamente constituídas pela sociedade brasileira de então, e da atualidade (SCHWARZ, 2000).

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Machado de. *Contos: uma antologia*. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. v.1.

BOSI, Alfredo. *A Escravidão entre dois Liberalismos*. Revista Estudos Avançados – Vol. 2. nº 3. São Paulo: USP, set/dez de 1988. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/ea/v2n3/v2n3a02.pdf>>, acesso em 19.12.2013.

_____. *Machado de Assis: antologia e estudos*. São Paulo: Ática, 1982.

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. São Paulo: Contraponto, 1997.

FAORO, Raymundo. *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1988.

_____. *Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro*. 13ª ed. São Paulo: Globo, 1998.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Editora 34, 2000.

VILLAÇA, Alcides. *Janjão e Maquiavel: a teoria do medalhão*. In: GUIDIN, Lígia et alii (Orgs.). *Machado de Assis – ensaios da crítica contemporânea*. São Paulo: Editora Unesp, 2008.